

IP



Instituto  
de Psicanálise  
da Bahia

# LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA  
2011



BA

## Editorial

Lapsus inicia 2012 retornando ao seu momento inaugural em maio do ano passado quando Christianni Matos foi convidada, pelo atual Diretor do Instituto de Psicanálise da Bahia, para organizar uma equipe de trabalho com a finalidade de criar um boletim on-line direcionado aos participantes do IPB. A Equipe foi formada inicialmente por Anderson, Ethel, Rogério, Julia, e posteriormente Wilker. Os consultores Bernardino e Ricardo, na tarefa de consultores, mantêm viva a razão da existência de Lapsus.

“Fazer ressoar os significantes que balizam a teoria psicanalítica”, como afirmou Christianni Matos na edição nº. zero, é o nosso propósito e também nosso desafio a cada nova edição de Lapsus. Este desafio é relançado aos participantes do IPB vez que são eles convidados a se lançarem na produção psicanalítica. Assim como os Institutos servem de “agulhão” para a Escola (como definiu Miller sobre a relação dos Institutos com a Escola), Lapsus mantém esta mesma perspectiva: estimular, incentivar os participantes do IPB na construção de algo novo e singular.

Lapsus é um espaço de estímulo à criatividade, ao compartilhamento de saberes sobre a psicanálise; uma aposta no talento individual. Se a transmissão da psicanálise se formaliza no entrecruzamento da psicanálise em intensão, com a psicanálise em extensão, ponto de convergência entre o Instituto e a Escola; este boletim abre as portas para que seus efeitos possam ser formalizados e compartilhados a partir da elaboração e do percurso de cada um.

Firme nestes propósitos, Lapsus apresenta sua edição nº 06. Neste número, publicamos a primeira parte da Conferência *Adolescência e Sexualidade* de Cristina Vidigal, proferida em Salvador no ano passado e editada por Fernanda Dumet e Ethel Poll. Nosso consultor, Ricardo Cruz, traz o essencial da Conferência *Uma orientação ao Real* proferida por Bernardino Horne na aula inaugural do IPB, e Wilker participa desta

edição com o texto *Aqui tem um tempo ou é pra sempre?* apresentado na Jornada de Cartéis em Bueno Aires. Nossa janela informativa traz um pequeno resumo do que acontece no IPB e, na Janela Cultural, os comentários de Cristina Vidigal sobre o Filme “Aos Treze”, com a edição de Julia Solano e Fernanda Dumet. Finalizamos com o poema “Lucidez Perigosa” de Clarice Lispector.

A novidade deste número será a edição impressa do boletim, que tem por objetivo estreitar sua relação com os participantes do IPB. Lapsus, nesta iniciativa, busca marcar uma presença que, assim como a presença do analista, busca no só depois avaliar seus efeitos. Aguardemos.

Ethel F. Poll

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

Ethel F. Poll 1

### Textos

**Conferência “Adolescência e Sexualidade nos dias atuais” 3**

**Cristina Vidigal - I Parte**

Fernanda Dumet e Ethel F. Poll - Edição

**Anotações sobre a Conferência “Uma orientação ao Real” 5**

Ricardo Cruz

**Aqui tem um tempo ou é pra sempre? 6**

Wilker França

### JANELAS DO LAPSUS

**Janela Cultural 8**

Julia Solano e Fernanda Dumet - Edição

**Janela Informativa 10**

Rogério Barros

**POESIA 13**

**Lucidez Perigosa**

Clarice Lispector

## Conferência “Adolescência e Sexualidade nos dias atuais”

### Parte I

Edição - Fernanda Dumet e Ethel Poll

A adolescência é reconhecida como um tempo de transformação. A idéia do jovem homem imprevidente, perdulário permanece na escolha do verbo latino *adolescere*, que significa crescer em direção à. Conceito que leva as noções de passagem e momento.

A adolescência encontra sua especificidade no esforço de encontrar um tratamento na resolução que se formula, pois é o ponto final da adolescência que dá, retrospectivamente, um sentido a este tempo entre infância e a vida adulta.

#### **Freud**

Sabemos que Freud considera a adolescência este momento de despertar da sexualidade após o período de latência. Ele destaca claramente uma mudança em relação à sexualidade infantil, pela mudança dos fins da sexualidade pela descoberta de seu novo objeto sexual.

Freud sempre nos alertou sobre a organização bifásica da sexualidade humana, o que em outros termos, poderíamos chamar de dimensões do gozo. Em seu texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do

amor” (1912), ele nos fala de duas correntes da sexualidade do sujeito: a corrente afetiva e a corrente sensual. A corrente afetiva é a mais antiga e trata-se aí da escolha de objeto primário da criança, num encontro entre as primeiras satisfações sexuais e a necessidade de conservação da vida. A segunda corrente nos diz Freud é a sensual. “Aparece na puberdade e já não se equivoca mais em seus objetivos sexuais. A sexualidade é então a confluência destas duas correntes”.

Todos podemos reconhecer o papel fundamental da sensualidade na puberdade, onde então marcamos uma escolha por parte do sujeito que se embrenha com suas representações na pesquisa da sensualidade. A sensualidade, ou o que podemos chamar desta nova dimensão de gozo, é o carro chefe das questões do adolescente, embora saibamos que o mais comum é a instalação de inibições em gamas diversas, que nenhuma “des-repressão” venha diminuir.

Há, pois, uma dominância de gozo como questão para o sujeito. Que tipo de eleição está em jogo nesta

primeira fase denominada por Freud de afetiva? Pode-se dizer que se trata de uma eleição do desejo, pois a criança tem uma pergunta centrada sobre o desejo da mãe e a saída deste tempo esta marcada pela predominância de uma pergunta sobre o gozo da mulher.

Se Freud marca a confluência dessas duas correntes podemos considerar que seria necessário congrega a eleição de desejo e a eleição de gozo. É preciso que o tempo da eleição do desejo se conclua para que o encontro sempre traumático do sujeito com o gozo recorra aos significantes que possam suportar acolher a eleição de gozo sem o repúdio da posição desejanse, ou seja, que a eleição de gozo possa se aliar à eleição de desejo e encontrar aí seus limites. A eleição de gozo, processo privilegiado na adolescência, é assim o tempo lógico de verificação do campo do desejo pelo gozo. Esta seria uma situação esquemática ideal. Pois, ela viria oferecer para o sujeito o uso de cenas e significantes da infância que acolheriam a nova incidência de gozo. Porém, o que vemos na clínica é o atropelo de uma eleição sobre a outra.

Devemos lembrar ainda que toda questão para Freud está localizada no

fato de que o sujeito não tem um saber prévio sobre o que está acontecendo quando se depara com a excitação sexual. No caso do encontro de Hans com sua ereção, há um acontecimento do corpo, estranho, estrangeiro, que embora ocorra em seu corpo é experimentado como vindo de fora. Quando os adolescentes se encontram com sua ereção eles se perguntam “o que é isso?”. Como isso não se articula com nada, o que parece é da ordem do fora do sentido. Para Freud o encontro com o sexual é sempre traumático, pois se trata de algo da ordem do inassimilável. Este inassimilável responde a uma outra cena que introduz o aprés-coup.

É o encontro com a estranheza do gozo que faz com que ele seja experimentado como vindo de fora e que transforma o Outro em estranho. *Troumatisme* é como Lacan chama este encontro com o Real, pois se trata tanto do furo *trou*, quanto do truque para encobri-lo. O inassimilável de tal encontro só poderá ser veiculado através de um sintoma.

**Na próxima edição a II parte desta Conferência. Aguardem!**

## Anotações sobre a Conferência “Uma orientação ao Real”

Ricardo Cruz

Em 06/03/12, iniciando sua aula inaugural sob o título UMA ORIENTAÇÃO PARA O REAL, o psicanalista Bernardino Horne introduz, para os alunos do IPB, que desde seu momento fundante, a estratégia de Freud era construir uma teoria a partir do que clínica lhe indicava. Partindo daí, e refazendo o percurso inicial de Freud, reflete que se o dispositivo da escuta clínica permanece fixo desde então, o que é mutável e que evolui constantemente é precisamente a teoria psicanalítica. Com esta introdução fez breve e esclarecedor percurso de Freud a Lacan, desde que este tomou os casos clínicos de Freud como base dos seus estudos. Como proposto por Jaques-Allan Miller, pontuou que o retorno à clínica é o momento atual da psicanálise de orientação psicanalítica.

Após traçar este percurso histórico, Bernardino introduz o conceito do Real, do que é o Real na teoria da psicanálise. Ressalta que na clínica, o primeiro passo é nomear-se o Real do sujeito, ainda que no momento em que seja o Real nomeado, ao se falar do Real, dele nos afastamos.

Traçou diferenças entre a psicanálise de orientação lacaniana e a que, seguindo a orientação da IPA propõe, no curso da análise didática, a identificação do sujeito com o analista, e a virada na teoria quando Lacan, em 1967, propõe a identificação do sujeito não com o analista, mas com o seu sintoma, e daí com o Sinthoma, para chegar-se ao passe na formação necessária do analista.

Demonstrou os quatro cortes epistêmicos da psicanálise, num percurso que vai do momento fundante em Freud, o Projeto, a Interpretação dos Sonhos e Inibição, Sintoma e Angústia (momento em que Freud toma o sintoma como o Real) como pilares indispensáveis na teoria psicanalítica, para entender-se as mudanças que a partir daí, como propõe Lacan, invertendo a teoria da angústia, valendo-se do caso Hans, vai demonstrar que o motor da repressão é a angústia diante da castração. A partir desta demonstração, discorre Bernardino sobre as instâncias do Real, Simbólico e Imaginário, bem como a concepção de Sujeito Suposto Saber no que toca à contratransferência, tal como

é discutida atualmente, para concluir com o percurso de Lacan na evolução da teoria psicanalítica, traçando um

esboço introdutório para o nó borromeano.

### **Aqui tem um tempo ou é pra sempre?**

Wilker França

Como é mesmo que anda o tempo?

Será, sempre assim, tão lento?

Será que passa é por dentro de nós?

Será que é o sol que ordena,

E o tempo que obedece?

Ou será que o sol só desce,

Quando o tempo eleva a luz? Vós!

(Caetano Veloso)

Elisangela<sup>\*</sup>, na terceira sessão em um ambulatório de instituição de Saúde Pública, diz: “Aqui tem um tempo ou é pra sempre?”. Interrogo por que ela está perguntando isso, ao que responde: “Meu médico do coração diz que eu tenho que tomar remédios de pressão para sempre; meu psiquiatra diz que eu tenho que tomar remédio psiquiátrico para sempre; então quero saber se aqui é pra sempre também”. Na hora, respondo para tentar sair da série imposta por outros profissionais “Aqui há um tempo. Só que não temos como prever”.

Na mesma época que me confronto com tal questão no referido ambulatório, ingresso em um cartel do CPCT – Seção Bahia – no qual Marcela Antelo é mais-Um.

Nesse debate é necessário pensar o tempo como instituição, que não necessariamente é algo concreto, com forma física, como se costuma pensar. No caso do CPCT instituiu-se o tempo de quatro meses para o tratamento, podendo este ser prorrogado por mais quatro.

Freud<sup>1</sup> diz que o inconsciente não conhece o tempo, então, formulo a seguinte questão: Por ser o inconsciente atemporal, o tempo instituído do CPCT estaria indo contra os princípios analíticos?

Lacan<sup>2</sup> mostra que a temporalidade do inconsciente é uma temporalidade pulsátil e que a experiência analítica é essencialmente uma manobra do tempo que constitui por si mesma, ao final, um desmentido do Sujeito Suposto Saber. Ou seja, para

ele há uma temporalidade da libido, tanto no amor, quanto no desejo e no gozo.

Levando em consideração a logicidade do tempo introduzido por Lacan<sup>3</sup> e uma das funções do CPCT que é "oferecer psicanálise aplicada a uma clínica de efeitos terapêuticos rápidos" o tempo de quatro meses pode também ser reduzido. Ou seja, quando há uma retificação subjetiva no paciente, ocorrendo uma localização do gozo, o instante de ver se traduz no momento de concluir. Há a orientação de que, se houver uma demanda de análise, seja feito um encaminhamento para um analista em outro local. Marcar um fim cronológico pode ser uma maneira de instalar a função da pressa com consequências singulares para cada um.

A intervenção do analista não deve se tornar instituição, ou seja, instituída no estilo Standard, pois se estaria indo contra os princípios analíticos. Lacan<sup>4</sup> afirma que na direção da cura o analista tem que ser o mais livre possível. E estabelecer, na sessão analítica, uma relação com a dimensão atemporal do inconsciente para possibilitar uma mudança de sentido e lógica de existir como falasser. A diferença da experiência do tempo da sessão analítica é a presença do analista

identificada ao fora do tempo do inconsciente.

Segundo Miller<sup>5, 6</sup>, a sessão analítica seria um lapso de tempo, onde devemos tomá-la a partir de uma dupla temporalidade, onde um tempo que vai ao futuro, assim se faz a experiência da espera e um tempo que vai do futuro ao passado. Um tempo que passa e ao mesmo tempo se inscreve no passado. O momento presente é duplicado pela sua inscrição no passado, aí o inconsciente é tomado como não realizado. Ou seja, o inconsciente não é um ser, mas um saber suposto. Assim, não é um assunto de ontologia senão, de ética, isto é, o inconsciente está, basicamente, sempre por vir.

Levando em consideração a complexidade das forças da pulsão e do gozo "Uma análise não deve ser levada muito longe. Quando o analisando pensa que está feliz em viver, é o bastante." conforme os dizeres de Lacan<sup>7</sup>.

Marcela Antelo<sup>8</sup> (2011) diz:

"Para um sujeito que demanda ser liberado da sua repetição, da tirania dos "vestígios duradouros", dos sempres ou dos nunca, das eternas esperas do que nunca acontece, uma

análise lhe propõe um tempo sem medida, uma conclusão possível.”.

Assim, uma conclusão possível se faz nos atendimentos do CPCT e no ambulatório de Saúde Pública, de modo que o encontro com o analista marque para o sujeito um novo tempo, ou para usar as palavras de Miller<sup>9</sup>, o fechamento de um ciclo precipitando a abertura de um novo.

#### Referências

\* nome fictício

<sup>1</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. Obras psicológicas completas. R.J. E.S.B., 1990.

<sup>2</sup> LACAN, J. Seminário 9: A identificação (1961/1962) - seminário inédito.

<sup>3</sup> LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

<sup>4</sup> LACAN, J.(1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>5</sup> MILLER, J-A. A erótica do tempo. Rio de Janeiro: Latusa - Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

<sup>6</sup> MILLER, J-A. Los usos del Lapso. Buenos Aires: Paidós, 2010.

<sup>7</sup> LACAN, J.(1975). Conférences et entretiens dans des Universités Nord-Américaines. Silicet 6/7, Paris: Seuil, 1976.

<sup>8</sup> ANTELO, M. O tempo no limite do simbólico. em

[http://agente.institutopsicanalisebahia.com.br/15/010\\_agente07\\_marcela\\_antelo.pdf](http://agente.institutopsicanalisebahia.com.br/15/010_agente07_marcela_antelo.pdf) - Acessado no 01/10/2011.

<sup>9</sup> MILLER, J-A. Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Millern em Barcelona – Buenos Aires: Paidós, 2009.

## Janela Cultural

### Comentários de Cristina Vidigal sobre o Filme “Aos Treze”

Edição – Julia Solano e Fernanda Dumet

No filme “Thirteen” vemos como a protagonista dividida pela nostalgia de ocupar um lugar no Outro, e o fascínio pelo novo que vê surgir em si mesma – e que não deixa de remetê-la a uma estranheza, a um real insuportável – aliena-se na figura da colega acreditando que esta detém um saber fazer com o sexo e o indizível.

Tudo se passa na vertente das experiências de sensações, drogas, sexo sem sentido, enfim, uma errância, para evitar a questão sobre o que ela é no desejo da mãe. Na colega, a mancha indelével da falta do desejo da mãe traz a consequência maior da devastação encoberta na demanda de inserção, de amor incondicional.



Diferente da colega que se apresenta “non dupe” e que só busca ocupar a cena e extrair algo do outro para si, ela se vê fascinada pelo domínio da outra, abismada pela série de manipulações que sustenta, atravessada pelo ciúme que a afasta/cola mais ainda na figura materna, negando - se a reconhecer seu próprio lugar para a amiga, que a usa para conseguir o que quer.

Freud reconhecia a adolescência como um momento de reatualização das escolhas da infância, um momento, portanto, perigoso. O perigo reside na fase silenciosa da pulsão: “lá onde isso não fala, a paixão nascente murmura alguma coisa que agita o ser”. Tal paixão não é a simples réplica das pulsões da infância, já que este despertar se acompanha do recalçamento do objeto paternal que se vê definitivamente condenado como objeto sexual.

A queda da identificação fálica confronta o adolescente com uma libido, isto é, “com o corpo tomado na dimensão pulsional como objeto *a*, com o corpo que perde a possibilidade de ser lido e se torna indizível. É isso que chamamos Mancha Negra. Este indizível pode ser insuportável para alguns adolescentes, cuja atração pelas marcas no corpo – tatuagens, piercings

– representam uma tentativa de inscrever limites que deixam de receber do Outro” (1).

Ela não interroga o que sua amiga quer dela. Perguntar-se o que o outro quer de mim, o que ele está dizendo com o que ele está falando, aparece como uma via de acesso ao saber indizível, de se deparar com o objeto que se é para o Outro. A conduta de risco no adolescente muitas vezes visa sua própria perda, isto é, a sua realização como objeto *a*. Se por a perder para verificar o amor da mãe.

A ruptura com a colega e a revelação da história de errâncias e devastação da filha sacode esta mãe. A partir daí, ela introduz-se a dimensão do amor como discurso mediador da angustia de castração entre as duas.

A recuperação de um certo lugar no amor da mãe apazigua a devastação, apazigua o que o despertar trouxe. Isso fica bem representado pelo sono a que mãe e filha se entregam. Finalmente, é a filha que se levanta e se vai lentamente, metáfora de uma separação mais suave. Como psicanalistas, sabemos que resta ainda à protagonista construir um discurso próprio em seguida ao grito que conclui o filme.

Notas: \* (1) LACADÉE, Pillippe. O despertar e o exílio. Editions Cecile Defaut, 2007.

## Janela Informativa

Rogério Barros

### **Núcleo Psicanálise e Direito**

**Tema:** "A ordem simbólica no séc. XXI: Qual o lugar do pai?"

**Coordenação:** Lucy de Castro

**Horário:** quarta-feira das 18h30 às 20h00 (quinzenalmente)

### **Núcleo de Psicose E Psicanálise**

**Tema:** As manifestações do feminino na clínica das psicoses.

**Coordenação:** Iordan Gurgel e Marta Restrepo

**Horário:** quarta-feira das 18h30 às 20h00 (semanalmente).

### **Núcleo Psicanálise e Toxicomania - Tya**

**Tema:** Os manejos da transferência e as especificidades do *a* na transferência de gozo

**Coordenação:** Pablo Sauce

**Horário:** quarta-feira das 18h30 às 20h00 (semanalmente)

### **Núcleo Psicanálise e Criança - Carrossel**

**Tema:** A angústia e seus efeitos

**Horário:** quarta-feira das 09h30 às 11h00 semanalmente

**Coordenação:** Fátima Sarmiento / Analícea Calmon.

### **Psicanálise e Feminino**

**Tema:** Investigação e estudo das questões da mulher na psicanálise de orientação lacaniana, levando em conta

as categorias básicas da feminilidade.

**Coordenação:** Maria Luiza Rangel

**Horário:** sábado, a combinar (quinzenalmente)

### **Núcleo Topologia Clínica**

**Tema:** Inibição, Sintoma e Angústia, em Freud, Nieves Soria e o cap. 3 e 4 do Curso de J-A Miller *El partenaire-sintoma*.

**Coordenação:** Célia Salles

**Horário:** Sábado, das 9h00 às 11h00 (mensalmente).

**Próxima reunião dia 14 de abril**

### **Seção Clínica**

Teoria da Clínica – comentários teóricos sobre material clínico

**Coordenação** – Bernardino Horne

**Horário:** quinta-feira das 20h00 às 21h30 (mensalmente – a partir de maio)

### **Curso Suplementar – Sintoma**

**Módulos:** Introdução ao tema: o sintoma de Freud a Lacan // O sintoma em Freud // O sintoma e sua relação com a ISA // Clínica Borromeana: os nós – Sintoma e Gozo

**Coordenação:** Bernardino Horne e Analícea Calmon

**Horário:** terça-feira das 19h00 às 21h00

**Valor:** 06 parcelas de R\$ 250,00 (à vista 10% de desconto).

**Início:** 03 de abril de 2012

### Cursos Breves

\*Como ler o sintoma no mal estar atual  
- Maria Rosário Rego Barros

**Data:** 25-26 de maio

\*Clínica Borromeana - Nieves Soria  
Dafunchio

**Valor:** R\$ 95,00 e R\$ 50,00 (para participantes do IPB, alunos especialização e praticantes CPCT)

**Coordenação:** Sônia Vicente

**Data:** 27-28 de julho

\*A clínica da Psicose – Guilherme Bellaga

**Data:** 14-15 de setembro

### Encontro Nova Rede Cereda

Dando continuidade a uma série que foi iniciada nos Encontros Brasileiros, teremos no dia 22 de novembro, o 3º Encontro da NRCEREDA com o tema “A angústia e seus efeitos”.

**Comissão organizadora:** Cristina Vidigal – Fátima Sarmento

**Local:** Hotel Pestana

**Horário:** das 08h00 às 15h00

### Conversação dos Institutos

No dia 22 de novembro de 2012 acontecerá a 4ª Conversação Clínica dos Institutos do Campo Freudiano no Brasil, que terá como tema “O fracasso em psicanálise: no ensino, na pesquisa, nas instituições e a diferença clínica”.

**Comissão Organizadora:** Analícea Calmon (coordenadora), Mario Nascimento e Paulo Gabrielli.

**Consultor:** Bernardino Horne

**Local:** Hotel Pestana

**Horário:** das 16h00 às 19h00.



## Poesia

Clarice Lispector

### Lucidez Perigosa

Estou sentindo uma clareza tão grande  
que me anula como pessoa atual e comum:  
é uma lucidez vazia, como explicar?  
Assim como um cálculo matemático perfeito  
do qual, no entanto, não se precise.

Estou por assim dizer  
vendo claramente o vazio.  
E nem entendo aquilo que entendo:  
pois estou infinitamente maior que eu mesma,  
e não me alcanço.

Além do que:  
que faço dessa lucidez?  
Sei também que esta minha lucidez  
pode-se tornar o inferno humano  
– já me aconteceu antes.

Pois sei que  
– em termos de nossa diária  
e permanente acomodação  
resignada à irrealidade –  
essa clareza de realidade  
é um risco.

Apagai, pois, minha flama, Deus,  
porque ela não me serve para viver os dias.  
Ajudai-me a de novo consistir  
dos modos possíveis.  
Eu consisto,  
eu consisto,  
amém.

**Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)**

**Submissão de Trabalhos:**

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

\*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

**EQUIPE LAPSUS**

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)